

## 14º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2023

### AS INQUIETANTES VOZES QUE NARRAM *DISTANCIA DE RESCATE*, DE SAMANTA SCHWEBLIN

HELOISA ANDRADE DA SILVA VENDRAMINI<sup>1</sup>  
ALIANA LOPES CÂMARA<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Estudante do segundo ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio, IFSP, Câmpus Votuporanga, [vendramini.h@aluno.ifsp.edu.br](mailto:vendramini.h@aluno.ifsp.edu.br).

<sup>2</sup> Professora de Língua Portuguesa, IFSP, Câmpus Votuporanga, [aliana@ifsp.edu.br](mailto:aliana@ifsp.edu.br).

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 8.02.08.00-2

**RESUMO:** Esta pesquisa se propõe a interpretar a novela *Distancia de Rescate*, de Samanta Schweblin, buscando entender como a escolha do foco narrativo dialógico se relaciona à construção do elemento fantástico e à criação do suspense incessante que permeia a obra. Parte-se da perspectiva teórica de Roas (2014), que define o fantástico como um gênero literário em que se cria uma realidade o mais próximo possível à do leitor, na qual surge um elemento impossível, irreal, que rompe com as leis da razão e desestabilizam as certezas do leitor. Esse choque entre real e irreal provoca, nos personagens, no narrador e no leitor, um sentimento de inquietude diante da possibilidade de o irreal se tornar verdade. Como conhecemos a história de David a partir de uma perspectiva parcial, a da própria mãe, não se trata também de uma narração confiável, o que intensifica o sentimento de medo diante da possibilidade de o irreal se tornar real. É pela subjetividade da narrativa que surge a dúvida sobre os fatos narrados e sobre as descrições “monstruosas” que uma das personagens faz de seu filho, por exemplo. O insólito intensifica o suspense no romance, porque o leitor não sabe se o que se narra é real ou fruto da imaginação dos personagens.

**PALAVRAS-CHAVE:** foco narrativo; literatura fantástica; maternidade; agrotóxicos

### THE DISTURBING VOICES THAT TELL RESCUE DISTANCE, BY SAMANTA SCHWEBLIN

**ABSTRACT:** This research proposes to interpret the novel *Distancia de Rescate*, by Samanta Schweblin, seeking to understand how the choice of dialogical narrative focus is related to the construction of the fantastic element and the creation of the incessant suspense that permeates the work. It starts from the theoretical perspective of Roas (2014), who defines the fantastic as a literary genre in which a reality is created as close as possible to that of the reader, in which an impossible, unreal element appears, which breaks with the laws of reason and destabilize the reader's certainties. This clash between real and unreal provokes, in the characters, in the narrator and in the reader, a feeling of uneasiness before the possibility of the unreal becoming true. As we know David's story from a partial perspective, that of his own mother, it is also not a reliable narration, which intensifies the feeling of fear at the possibility of the unreal becoming real. It is due to the subjectivity of the narrative that doubts arise about the facts narrated and about the “monstrous” descriptions that one of the characters makes of her son, for example. The unusual intensifies the suspense in the novel, because the reader does not know if what is narrated is real or the fruit of the imagination of the characters.

**KEYWORDS:** narrative focus; fantastic literature; maternity; pesticides

## INTRODUÇÃO

O livro *Distancia de Rescate* combina preocupações maternas com elementos de mistério e fantasia, criando uma narrativa envolvente e cheia de tensão. O título refere-se ao conceito de proteção e à tentativa desesperada das mães de manter seus filhos seguros e distantes de qualquer perigo iminente.

Leone (2016), examina, na obra, quais são as representações dos campos agrotóxicos que despertam as relações espaciais e os entrelaçamentos temporais em *Distancia de Rescate*. Segundo o autor, o romance trata do conceito de tempo em diversos níveis, incluindo o ciclo das vidas humanas, o tempo da natureza e as diferentes temporalidades na narrativa. Além disso, o autor sugere que o romance é uma reflexão metaficcional sobre como contar histórias atualmente, especialmente no contexto de desafios à natureza e à biodiversidade, explorando a ideia de resgatar não apenas vidas, mas também o que é fundamental em uma nova narrativa rural.

Trata-se de uma obra do gênero fantástico, definido pelo escritor David Roas (2014), como uma experiência literária em que o leitor é levado a questionar a fronteira entre a realidade e a fantasia. O efeito fantástico ocorre quando elementos estranhos ou inexplicáveis são introduzidos em um contexto realista, deixando uma ambiguidade sobre sua origem e natureza.

Imerso nessa realidade criada pela escritora Schweblin, este estudo se propõe a realizar uma análise interpretativa da novela, buscando compreender como a trama se constrói e quais sentidos advêm desta construção. Desse modo, objetiva-se (i) compreender como a escolha da voz de um menino-monstro para contar a história contribui para a construção do elemento fantástico na história; e (ii) analisar como a escolha do foco narrativo contribui para a criação do suspense que intensifica a sensação de medo e inquietude.

## MATERIAL E MÉTODOS

A novela *Distancia de Rescate*, de Samanta Schweblin, narra a história de duas mulheres, Amanda e Carla, que se conhecem num povoado argentino. Amanda vai passar uns dias no campo com sua filha Nina, durante as férias, enquanto seu marido fica trabalhando em Buenos Aires. Ela aluga uma casa com piscina, onde encontra, pela primeira vez, Carla, que também tem um filho, David, de nove anos. Forttes (2018) define a casa alugada como um lugar ominoso, típica de um lugar gótico, já que está rodeada pelo campo, é um lugar desconhecido e Amanda é responsável por uma criança vulnerável. A trama, que se instala como um suspense do começo ao fim, gira em torno do desvelamento de algo horrível que ocorreu com Nina e com Amanda durante sua estadia lá.

Para a análise interpretativa desta novela, partimos dos pressupostos teóricos de Roas (2014). No livro *A Ameaça do Fantástico*, o escritor tenta definir o que vem a ser um texto fantástico. Roas (2014) menciona que a maioria dos críticos tendem a dizer que os elementos indispensáveis para produzir o efeito fantástico é a presença do sobrenatural (como nas epopeias gregas, que contam com deuses, demônios, fantasmas e espíritos). Em comparação a esses autores, Roas (2014) diz que a literatura fantástica se define especificamente por ser o único tipo textual que não funciona sem o efeito sobrenatural. E o sobrenatural para ele é aquilo que ultrapassa as leis que desestabilizam as leis rígidas do mundo real. Assim, a literatura fantástica só funcionará se for criada dentro de um espaço similar ao do leitor, para que ele venha a se interrogar sobre a verdade do que conhece e perca a segurança sobre o funcionamento do mundo real. Como exemplo de elementos fantásticos, temos o fantasma, que é um ser de existência inexplicável no mundo dos vivos, e é exatamente essa impossibilidade de explicação que determina o fantástico.

Baseado nisso, o escritor explica que, dentro do mundo em que vivemos, cheio de leis rigorosas e imutáveis, um mundo ordenado e estável, a narrativa fantástica reflete a existência de uma realidade diferente da nossa, com a presença do impossível, do irreal, do inconcebível. Esse choque entre real e irreal provoca medo ou inquietude nos leitores de histórias fantásticas. Tudo isso nos leva a entender que, se o sobrenatural não entrar em conflito com o real e os fatos que acontecem no cotidiano, não se produz o fantástico.

Sendo assim, o que define o fantástico, segundo Roas (2014), é que ele se produz desde que o escritor crie um espaço semelhante ao que o leitor habita, como, por exemplo, na obra *Drácula* (1875), que foi ambientada na Inglaterra e cujo elemento impossível de acontecer no mundo real é o vampiro. Como diz Roas (2014), o leitor é fundamental para a existência do fantástico, visto que é preciso colocar a história em contato com sua concepção de real.

O realismo, dentro do fantástico, por seu papel central, delinea-se com uma especificidade: a realidade empírica deve ser descrita de modo mais explícito que os textos literários realistas (Roas,

2014), a fim de que o leitor acredite no elemento irreal que o próprio narrador descreve como impossível. É essa verossimilhança dupla que permite ao leitor colocar em contraste o mundo cotidiano e o elemento fantástico que irrompe e desestabiliza o real. Nas palavras do autor, “a narrativa fantástica está ambientada, então, em uma realidade cotidiana que ela constrói com técnicas realistas e ao mesmo tempo destrói, inserindo nela outra realidade, incompreensível para a primeira” (Roas, 2014, p. 54). Assim, o autor declara a semelhança entre as técnicas do fantástico e as do texto realista, as quais dão verossimilhança à história narrada e constroem a referencialidade no texto, tais como recorrer a um narrador extradiegético-homodiegético, ambientar a história em lugares reais, descrever minuciosamente objetos, personagens e espaços, e inserir alusões à realidade pragmática.

É neste sentido que o autor declara que o fantástico se torna subversivo pelos temas que trata e pelo estilo, uma vez que muda a representação que o leitor tem da realidade tal como a concebe. Partindo de um sistema de valores comum à comunidade, o fantástico propõe o irreal, o impossível, dentro deste sistema. Estilisticamente, a descrição do elemento fantástico se torna vaga, imprecisa, pela impossibilidade de descrever com precisão os horrores que desestabilizam a razão. Para tanto, mune-se de uma linguagem mais conotativa que denotativa, permeada de comparações, metáforas e neologismos. Produz-se, desta forma, um efeito nos personagens, no narrador e, conseqüentemente, no leitor: a inquietude. Tal sentimento emana da possibilidade de o irreal surgir no real e de tudo o que isso pode significar.

A partir desses pressupostos teóricos, analisamos a obra a fim de entender os sentidos que emanam da narrativa, refletindo sobre a escolha do foco narrativo, a construção do fantástico e a criação do suspense. Tal discussão será feita na próxima seção.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A história é contada pela narradora-personagem Amanda, que dialoga, desde a primeira linha do texto, com o personagem David. A escolha da voz de um menino-monstro contribui para a construção do elemento fantástico significativamente, e a escolha do foco narrativo em primeira pessoa contribui para a criação do suspense que intensifica a sensação de medo e inquietude, pois a narrativa é conduzida pelo personagem David, um menino com uma perspectiva única e perturbadora dos eventos que ocorrem ao seu redor e por Amanda, que está nos limites entre a vida e a morte. Na trama, David limita-se a guiar Amanda na busca de algo importante que teria sido responsável pela intoxicação do garoto, de Nina e da própria Amanda. Ele diz que a distância de resgate é importante para encontrar o ponto exato em que “os vermes” aparecem.

No início da história, esse suspense se intensifica porque não sabemos exatamente onde Amanda está e o que está acontecendo com ela, somente depois descobrimos que o diálogo entre ela e David acontece no pronto-socorro. Ao optar por apresentar a história através da voz de um menino-monstro, Schweblin cria uma atmosfera sobrenatural e misteriosa. A voz do menino é ambígua e carregada de uma mistura intrigante de inocência infantil e experiência humana. Essa dualidade é fundamental para estabelecer o tom do elemento fantástico, pois sugere que há algo além da compreensão racional ocorrendo na narrativa. O personagem David parece conhecer a história e vai dando o tom, vai conduzindo a narração de Amanda, dizendo o que é e o que não é importante. Isso gera mais suspense porque algumas perguntas do leitor e de Amanda ficam sem respostas. Por exemplo, Amanda está sentindo próxima a morte, mas David não confirma que ela está morrendo no início, e pede para ela não se demorar em coisas sem importância “o ponto exato está em um detalhe, é preciso ser observador”.

A perspectiva de David permite que o leitor veja o mundo através de uma lente distorcida. Sua visão única e estranha dos eventos leva a interpretações múltiplas e a uma sensação de incertezas constantes. O leitor é levado a questionar se as experiências descritas por David são reais ou fruto de sua imaginação.

Além disso, a escolha da voz de um menino-monstro para contar a história permite que Schweblin explore temas relacionados à infância e à inocência corrompida. David, como personagem, representa uma figura frágil e vulnerável, mas também é portador de um conhecimento profundo e assustador. Através dele, a autora aborda questões como a perda da inocência, a natureza do mal e a complexidade das relações humanas.

No filme *Los Niños Monstruosos en el Orfanato*, Bayona retrata a história de um grupo de crianças em um orfanato, onde eventos sobrenaturais começam a ocorrer (González-Dinamarca, 2015). As crianças manifestam comportamentos estranhos e a atmosfera se torna cada vez mais tensa à medida

que segredos sombrios do passado do orfanato são revelados. Sendo assim, ambas as obras (*Distancia de Rescate* e *Los Niños Monstruosos en el Orfanato*) exploram aspectos sombrios e perturbadores da condição humana e destacam a tensão entre o real e o sobrenatural, embora em diferentes formatos (filme e romance), oferecendo visões intrigantes sobre o terror psicológico e as complexidades das relações humanas. Esses elementos contribuem para a construção de uma narrativa fantástica e perturbadora, em que a realidade é distorcida e as emoções são intensificadas.

Para a escolha do foco narrativo, também não é diferente. Entre os vastos recursos usados, a seleção minuciosa desse foco desempenha um papel fundamental na construção do medo e da inquietude que permeia a trama. Nesse contexto, o foco narrativo se revela uma ferramenta para transmitir as emoções e sensações presentes, já que, ao optar por narrar a história a partir do ponto de vista de Amanda, a autora nos transporta para a mente perturbadora e fragmentada da protagonista. Acompanhamos seus pensamentos questionadores, suas dúvidas e seu estado de alerta, o que nos permite experimentar a inquietude que a cerca. Através dessa perspectiva, o medo se torna palpável, e o leitor é obrigado a confrontar suas próprias angústias e incertezas. A partir desta perspectiva, é possível perceber como a obra questiona os papéis sociais impostos historicamente às mulheres, já que os homens (maridos e pais) quase não atuam na história e, na cena final, fica claro que eles participam apenas secundariamente da criação dos filhos: o pai de Nina é incapaz de reconhecer que David tem atitudes semelhantes à de sua filha quando ele entra no carro, pega o ursinho de Nina e coloca o cinto de segurança. Porém, o leitor sabe que se trata de David com a alma de Nina, já que esta passou por um processo de transmigração de almas, fenômeno fantástico que irrompe na narrativa após a contaminação da menina por agrotóxicos.

Além do mais, a escolha do foco narrativo também influencia a percepção do leitor sobre os demais personagens, em especial, de Carla. Diante dos olhos de Amanda, Carla ganha contornos obscuros, alimentando uma atmosfera de desconfiança e mistério. Há a sensação de que algo de errado acontece, mas não se pode compreender completamente, tornando-se quase insuportável, levando o leitor a um estado de tensão contínua.

## CONCLUSÕES

Enfim, conclui-se que a voz do menino-monstro pode ser interpretada como uma representação simbólica da condição humana. Através dessa escolha narrativa, Samanta Schweblin explora questões sobre a natureza da identidade, a relação entre a inocência e a maldade, e as complexidades da experiência humana. O menino-monstro pode ser visto como um espelho distorcido de nós mesmos, levando-nos a questionar nossos próprios medos e desejos mais obscuros.

Por intermédio do foco narrativo em primeira pessoa, a autora tem controle total sobre as informações que são relevantes ao leitor. Ela pode escolher quando e como compartilhar detalhes cruciais na trama, mantendo certos elementos no escuro para aumentar o suspense. O leitor acompanha os pensamentos e as percepções limitadas dos personagens, o que cria tensão e curiosidade, gerando uma atmosfera claustrofóbica e intensa. À medida que Amanda narra sua história para David, a linha temporal se desfaz, criando uma sensação de urgência e incertezas sobre o destino dos personagens, levando os leitores para frente e para trás, aumentando a expectativa e o suspense em relação aos eventos que geram a situação de perigo eminente.

Portanto, ao chegar ao desfecho da narrativa, a escolha da voz do menino-monstro e do foco narrativo mostra-se como uma estratégia para gerar medo e inquietude no leitor. A imersão na mente tumultuada da protagonista e a ambiguidade cuidadosamente trabalhada ao redor de Carla criam uma experiência literária impactante e perturbadora. Ao final da leitura, somos deixados com a incômoda sensação de que, apesar de terminada a história, os ecos do medo e da inquietude persistirão por muito tempo em nossas mentes.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao programa PIBIFSP, que forneceu apoio financeira para o desenvolvimento da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- FORTTES, C. A. El horror de perder la vida nueva: gótico, maternidad y transgénicos en *Distancia de rescate* de Samanta Schweblin. **REVELL**, v. 3, n.20, dez. 2018.
- GONZÁLEZ-DINAMARCA, R. I. Los niños monstruosos en el orfanato de Juan Antonio Bayona y *Distancia de rescate* de samanta Schweblin. **Revista de investigación sobre el fantástico**, v. 3, n. 2, 2015, p. 89-106.
- LEONE, L. Campos que matan. Espacios, tiempos y narración em *Distancia de rescate* de Samanta Schweblin. **452Fº**. n. 12, 2017, p. 62-76.
- ROAS, David. **A ameaça do fantástico: aproximações teóricas**. Trad. Julián Fuks. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- SCHWEBLIN, Samantha. **Distancia de rescate**. Buenos Aires: Random House Mondadori, 2014.